

Somente o sopro do Espírito pode dar vida ao irmão

Viver transferidos no Outro: no próximo, por exemplo, que – momento por momento – está perto de nós; viver a vida dele em toda a sua plenitude. Assim como na Trindade – e só ali está o Amor – o Pai vive no Filho e vice-versa, e o amor mútuo é Espírito Santo, quando vivemos transferidos no irmão (e é preciso perder a própria vida para reencontrá-la), logo que retornamos em nós mesmos para responder ao irmão, encontramos um Terceiro: o Espírito Santo, que tomou o lugar do nosso vazio.

Ora, podemos entrar no outro de vários modos: empurrando, como se alguém grande quisesse entrar por uma pequena porta... e faz assim aquela pessoa que não ouve até o fim seu irmão (que não morre totalmente no irmão, que é o paraíso do próprio eu, o Reino do eu) e quer dar respostas recolhidas aqui e ali em sua própria cabeça, que podem ser inspiradas, mas não são aquele sopro do Espírito Santo que dará vida ao irmão.

Há aquele que (amante apaixonado de Jesus Abandonado) morre mais facilmente do que vive e ouve seu irmão profundamente, sem se preocupar com a resposta, que lhe será dada no final pelo Espírito Santo, o qual sintetiza em breves palavras ou em uma só todo o remédio para aquela alma. (de um escrito de 8 de setembro de 1949)

Chiara Lubich

Prezados leitores,

Existem experiências que ardem como uma marca nos nossos corações. Uma destas foi, para mim, a viagem de 30 de abril a 17 de maio em que acompanhei Maria Voce e Jesús Morán à Síria e ao Líbano. A presidente e o copresidente tinham a intenção de levar – como eles mesmos evidenciaram – esperança às comunidades dos Focolares que viveram e vivem em condições muito difíceis. Mas aconteceu o contrário. Foram elas: as famílias, os jovens, as crianças que, com a sua vida, deram esperança a nós.

Vocês encontrarão os artigos que nasceram durante esta viagem nas páginas 3 a 6. Mas lhes aconselharia – se tiverem esta possibilidade – de assistir também o último Collegamento CH, a transmissão em vídeo que conecta os Focolares no mundo inteiro (<http://collegamentoch.focolare.org>). É uma comovente possibilidade de encontrar “os nossos” na Síria e no Líbano, isto é, as pessoas que compartilham o grande ideal da unidade, de uma fraternidade sem fronteiras, de um amor que não se detém diante da dor.

Eu confesso com muito prazer: a mim, estas pessoas me roubaram o coração! Obrigado, queridos amigos destas terras, abençoadas pela presença de vocês!

*Joachim Schwind
Departamento de Comunicação dos Focolares*





A chama está viva

Síria/1:

É Homs a primeira etapa da viagem da presidente e do copresidente dos Focolares à Síria. O encontro com a pequena comunidade que permaneceu na cidade, apesar da guerra, e que agora não se poupa na reconstrução humana e social do próprio país.

Quando perguntamos quais seriam os maiores desafios, a resposta nos desconcerta: “Se respondemos ao ódio com o amor, parecemos fracos e isto não é fácil suportar nem transmitir aos nossos filhos. Mas as pessoas ao nosso redor não sabem que o amor é a arma mais potente”.

Quem afirma isto é uma jovem mãe de família de Homs, terceira cidade da Síria, entre as mais atingidas e destruídas durante a guerra civil. É a primeira etapa da viagem de Maria Voce e Jesús Moran, presidente e copresidente do Movimento dos Focolares a estas terras que mostram as feridas da guerra, mas que também começam a se reerguer do pó.

Na tarde do dia primeiro de maio, uns quinze membros da comunidade mais antiga dos Focolares na Síria se reuniram no centro dos Jesuítas. Estão felizes por se encontrarem com a presidente e o copresidente que vieram – como disse Maria Voce antes de partir – conhecer, confortar e dar esperança.

Mas já neste primeiro encontro parece que os papéis estejam se invertendo e que sejam estas pessoas, que permaneceram na Síria apesar dos grandíssimos

riscos, que ofereçam esperança, alegria e coragem a quem tem a sorte de as ouvir.

Com desconcertante limpidez e autenticidade, contam como viveram e sobreviveram a um tempo tremendo, em que não poucos deles perderam tudo, porém mantendo viva a fé num Deus que é amor e dando provas disto numa cotidianidade feita de bombas, destruição e morte.

“Sempre procuramos ser, com a nossa vida, Evangelho vivo” – diz um deles – “porque a espiritualidade do Focolare pôs dentro de nós uma semente diferente que foi cultivada por quem nos acompanhou e parece que frutificou, porque as pessoas ao nosso redor percebem que em nós há algo diferente”.

E não se trata apenas do fato de terem permanecido numa semelhante situação ou do fato de terem a coragem de reconstruir a própria existência. Muitos desta pequena comunidade de cerca de 50 pessoas agora estão empenhados em projetos concretos para ajudar o próprio povo: apoio a doentes de câncer, acompanhamento fisioterapêutico e psicológico de pessoas com traumas de guerra, assistência pedagógica para estudantes das escolas elementares e médias com cursos de formação ética.

“Vocês mantiveram viva a chama do Evangelho”, lhes diz Maria Voce não sem viva emoção. “E entenderam um dos pontos fundamentais da nossa espiritualidade, isto é, que o segredo do amor verdadeiro está no amor a Jesus que, na cruz, grita o abandono. É realmente uma graça para nós, termos nos encontrado com vocês”. ■

Joachim Schwind

“Queremos virar a página”

Síria /2:

Sábado, 4 de maio, a presidente e o copresidente do Movimento dos Focolares se encontraram com a comunidade síria do movimento: nos testemunhos há

dor, sensação de perda e luto, mas também riqueza de cultura, tradições e vontade de viver e reconstruir a própria pátria.

Desde as primeiras horas, o dia de sábado, 4 de maio, dá indícios de que será forte. Trezentos membros da comunidade síria do Movimento dos Focolares se reu-

niram no mosteiro de Santo Efrém, o Sírio, em Saydnaya, a cerca de 40 quilômetros ao norte de Damasco.

Começaram com a história do movimento, contada com as mesmas palavras que Chiara Lubich usou muitíssimas vezes e como é conhecida, quase de cor, pelas comunidades no mundo todo: “Eram tempos de guerra e tudo desmoronava...”. Mas a particularidade da narrativa de hoje é que depois de recitar cada episódio da vida de Chiara, a palavra era passada a alguém que o ilustrava com a própria experiência vivida recentemente nesta terra martirizada.

Há aqueles que, ao voltar à própria cidade, não encontraram mais suas casas; aqueles que perderam o trabalho, a saúde física ou psíquica, os que viram seu futuro roubado, ou a fé em Deus e nos relacionamentos; aqueles que – e são muitos – perderam pessoas queridas. E até hoje essas perdas não foram compensadas. “Estamos mortos por dentro”, disse um deles, resumindo o estado de ânimo de muitos, talvez de todos.

E no fundo do palco, lia-se em árabe a frase que Chiara Lubich e suas companheiras queriam que fosse escrita em suas tumbas desde aqueles primeiros tempos em que o movimento estava dando seus primeiros passos, em plena Segunda Guerra Mundial: “E nós acreditamos no amor”.

Para destaca-la ainda mais, cantaram ao final a famosa “Arte de Amar”, explicada muitas vezes por Chiara Lubich: amar a todos, ser o primeiro a amar, ver Jesus no próximo, amar os inimigos. Os presentes se levantaram, começaram a dançar e expressar com todos os sentidos um desejo comum: aquele de virar a página.

E diante dos nossos olhos, estão mais uma vez as duas realidades que distinguem a viagem da delegação do Centro Internacional do Movimento dos Focolares na Síria: de um lado, o encontro com a dor: feridas, traumas, desespero, preocupações com o futuro, sobretudo o dos próprios filhos; de outro, o desejo de continuar a ter esperança, de retomar a própria vida com liberdade. Para sustentar ambas realidades, há uma espiritualidade centrada em uma fé que pode dizer: e nós acreditamos no amor.

Essa vida que se desdobra entre desespero e esperança, entre morte e ressurreição, ressoa também na breve intervenção do nuncio apostólico da Síria, cardeal Mario Zenari, e nas respostas de Maria Voce e Jesús Morán. O cardeal Zenari convida os presentes a acolher hoje a mensagem que o Crucificado dirigiu há 800 anos a São Francisco, ou seja, reparar a Igreja.

“Mas aqui”, continua o cardeal, “não se trata somente de reparar a Igreja, mas de reparar a pátria de vocês. Trata-se de construir uma nova Síria”.

Jesús Morán, copresidente do Movimento dos Focolares, apresenta à comunidade síria do movimento o exemplo de Maria, a mãe de Jesus, que no momento de maior desespero “acreditou no impossível”, ou seja, na força da ressurreição.



Mas o que fazer hoje na Síria: ficar ou partir? Quem articulou a pergunta fundamental de muitos foi justamente Maria Voce: para além dessa escolha, com certeza nada fácil, a presidente convida os presentes a colher o momento, ou seja, a se fixar naquela que no momento presente parece ser a “vontade de Deus” e a vivê-la com autenticidade e coerência, “mesmo que Deus, de vez em quando, permita que vivamos no mistério”.

A jornada se conclui com uma grande festa em que as diversas regiões representadas e sobretudo um grande número de crianças e jovens suscitam um certo embaraço em quem, talvez, tenha vindo pensando que encontraria um povo pobre. Talvez não haja bens materiais, mas há riqueza de vida, tradições, costumes, danças, canções, expressões de alegria, vontade de viver.

Que linda essa gente que, apesar de tudo, acreditou no amor! ■

Joachim Schwind



Um povo forte e amigo

Síria /3:

Maria Voce aos jovens sírios: “Não deixem que lhes roubem os valores e unam-se a todos os jovens que querem um mundo melhor. O mundo precisa de vocês”.

“Obrigada pela esperança e pela força vital que vocês nos transmitiram”. Com estas palavras Maria Voce dirigiu às comunidades dos Focolares através de uma mensagem-vídeo, na conclusão da sua viagem à Síria, de 1 a 8 de maio.

Foram dias muitos intensos em que a presidente e o copresidente dos Focolares, Jesús Morán, visitaram as cidades de Homs, Kafarbo, Saydnaya e Damasco. Encontraram comunidades, pessoas empenhadas nas paróquias ou no âmbito social, famílias crianças, jovens, sacerdotes e religiosos. Foram recebidos por bispos e pelo núncio apostólico, cardeal Mario Zenari.

Viram e tocaram as tremendas feridas que a guerra deixou impressas nas estruturas e na alma do povo sírio: traumas e tragédias de todos os tipos. Conheceram a situação difícil, quase desesperada, de um país que se tornou o fantoche de muitos interesses de forças externas, que sofre uma pesada guerra econômica, enquanto o conflito militar ainda não terminou. Como é possível concluir esta viagem sem agradecer esperança e a força que receberam?

Sem dúvida, uma das chaves de leitura está na etapa final da viagem. A convite do Patriarca Melkita D. Yousséf Absi, 230 jovens católicos e de várias Igrejas reuniram-se na última segunda-feira, 6 de maio, na Catedral Grego católica de Damasco. Na ocasião, respondendo a algumas perguntas, Maria Voce fez um forte apelo à juventude síria: “Não deixem que lhes roubem os valores e unam-se a todos os jovens que querem um mundo melhor. O mundo precisa de vocês”.

Mais tarde foi o copresidente, Jesús Morán, que explicou a motivação profunda destas palavras: “Estes jovens experimentaram que tudo desmorona, mesmo assim mantiveram uma sede de Deus profunda e um verdadeiro senso de comunidade. Talvez eles nem sejam completamente conscientes, mas encontram-se numa situação espiritual excelente, da qual podem surgir coisas grandes”.

O que fazer para criar as condições nas quais essas sementes de esperança possam crescer e germinar na Síria?

Quem conhece ao menos um pouco a história passada e recente deste país, talvez sugira uma solução dupla: deixar em paz a Síria e os sírios, porque antes de tudo é preciso que os conflitos terminem. Além disso, as grandes forças do Oriente Médio e de outras partes do mundo, que querem aproveitar-se deles, deveriam deixar que o país encontre a própria estrada.

Este povo, forte e amigo ao mesmo tempo, como o descreveu Maria Voce, é mais do que capaz de assumir o próprio destino. ■

Joachim Schwind



Uma mensagem que continua

Líbano /1:

A presidente e o copresidente do Movimento dos Focolares voltaram ao Líbano onde celebraram o 50º aniversário do Movimento com a comunidade e diversas personalidades civis e religiosas.

Às vezes, acontece que os grandes percursos históricos se concentram em um pequeno episódio da história de uma pessoa. Foi o que ocorreu no sábado, 11 de maio, durante o encontro dos membros do Movimento dos Focolares no Líbano que celebrava 50 anos da chegada do Movimento no país dos cedros. Os 450 presentes haviam acabado de percorrer algumas das etapas principais desses 50 anos quando um dos apresentadores confessou: “Na guerra de 75 a 90, meu irmão morreu e eu era um dos que tinham uma arma nas mãos. Em 93, conheci o Movimento dos Focolares e a espiritualidade da unidade mudou a minha vida”.

Essas poucas palavras são um concentrado de realidades na verdade: há a riqueza e a beleza do Líbano como porta para o Oriente Médio, onde três continentes se encontram e três grandes religiões se cruzam; dizem que é um país privilegiado pela história, que vive o desafio contínuo de uma convivência fraterna entre povos, religiões, crenças e ritos cristãos; enfim é uma nação que não se entrega nunca e que encontra sempre novos recursos para recomeçar. Essa confissão também exprime o drama e os traumas de uma guerra que durou 16 anos, cujas origens e raízes nunca foram realmente enfrentadas.

E no pequeno episódio da história desse homem se esconde a semente jogada pelos primeiros focolarinos que chegaram em 1969 em Beirute cujo testemunho de uma vida baseada no amor sobreviveu à guerra e que hoje se exprime nas diversas expressões do Movimento e em tantas atividades eclesiais e sociais que se apresentam neste dia de festa.

Maria Voce e Jesús Morán, presidente e copresidente do Movimento dos Focolares, que vieram para festejar com os libaneses, não se contentaram com uma alegria que parte do passado para chegar ao presente. Em suas respostas a algumas perguntas, desafiavam o Movimento no Líbano a olhar o futuro: a não parar de anunciar o Evangelho segundo o estilo típico do carisma da unidade que, imitando Cristo, se faz um com todos. Eles os encorajaram a não evitar contrastes e conflitos que possam colocar em discussão inclusive as próprias categorias culturais para alcançar uma



nova mentalidade evangélica e os incentivaram a não viver um ecumenismo superficial para testemunhar, mesmo diante das autoridades eclesiais, uma unidade verdadeira na diversidade dos ritos e das crenças. Enfim, pediram que não deixem escapar a profecia inserida no diálogo inter-religioso, sobretudo com os muçulmanos, assim como Chiara Lubich o fez.

Maria Voce resumiu todos esses desafios em sua saudação depois da missa de domingo, 12 de maio, na catedral da ressurreição de Antelias, próximo a Beirute, que foi o ato oficial com o qual se celebrou o 50º aniversário. A presidente fez votos de que “o Líbano possa ser para o mundo toda aquela ‘mensagem’ viva de coexistência e fraternidade para além de cada fragmento que o papa João Paulo II já nos anos 80 havia visto como característica particular do povo libanês, em que a diversidade cultural e espiritual se torna a riqueza exemplar no caminho do indivíduo e dos povos. Vamos também nós repetir com o papa, hoje santo: ‘O Líbano é mais que um país, é uma mensagem de liberdade e um exemplo de pluralismo para o Oriente e o Ocidente’.

Os 50 anos do Movimento dos Focolares nesse país demonstram que a espiritualidade da unidade tem a capacidade de manter essa mensagem viva e atual. ■

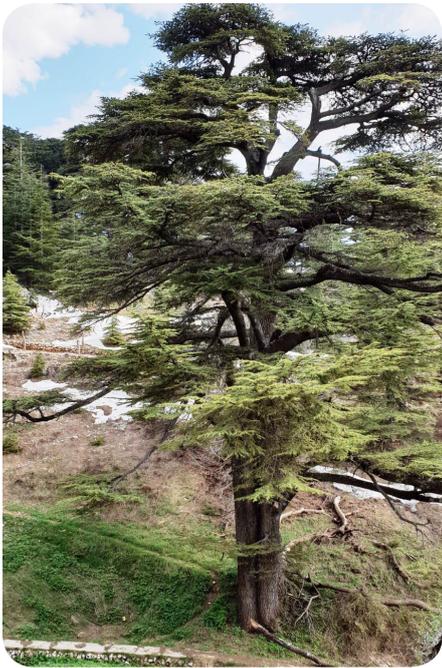
Joachim Schwind

Uma pequena semente com uma força irresistível

Líbano /2:

Nova etapa da viagem de Maria Voce e Jesús Morán ao Líbano: às raízes da cultura do país, com a sua complexidade social, política e religiosa. O desafio de um diálogo autêntico como chave para o renascimento do Líbano.

“It’s time to built a new nation”, “É hora de construir uma nova nação”. Assim diz um grande outdoor que se apresenta na rodovia, mas a velocidade do tráfego libanês não permite entender nem de quem seja o apelo, nem quais intenções queira exprimir.



A pequena delegação do Movimento dos Focolares, tendo à frente a presidente Maria Voce e o copresidente Jesús Morán, está de volta de uma excursão ao norte do país onde visitou o Vale dos Santos, o centro espiritual da Igreja Maronita da qual faz parte a grande maioria dos cristãos libaneses.

É também a região dos famosos cedros do Líbano: uma pequena floresta a 2000 metros de altura, onde ainda existem exemplares que provavelmente remontam à época do Rei Salomão e, portanto, a 3000 anos atrás.

Voltando a Beirute, estão carregados de impressões que afirmam a grande capacidade deste povo que tem às costas 7000 anos de história e que soube sobreviver ao cruzamento de três continentes e de três grandes religiões, mas também soube conservar a própria criatividade em condições extremamente difíceis. Quanto mais se chega perto da capital, mais retorna à mente a realidade atual que na sua complexidade não dá muitos motivos de esperança. No Líbano atualmente estão presentes 18 comunidades religiosas. O estado e as administrações públicas funcionam “em emergência”. Existe um entrelaçamento indissolúvel entre grupos étnicos, religiosos, políticos, entre grandes famílias, interesses econômicos, potências externas. As velhas feridas da guerra assim chamada “civil”, de 1975 a 1990, ainda não estão curadas.

“Não tivemos a coragem de olhar de frente o mal que provocamos uns aos outros – disse um dos bispos visitados nestes dias – e conseqüentemente ninguém jamais pediu perdão ao outro”. E várias vezes, nestes dias, se ouve dizer que a situação poderia explodir de um momento para o outro.

“É hora de construir uma nova nação”, diz o outdoor na rodovia e vem espontâneo se perguntar como isto poderá acontecer. A resposta que Jesús Morán delineou num discurso em uma mesa redonda na faculdade de Filosofia da Universidade Santo Espírito (USEK) nos arredores de Beirute, pode ser sintetizada na única palavra: diálogo. “O diálogo – salientou o copresidente dos Focolares – faz parte da natureza do homem. No diálogo o homem se torna mais homem porque é completado pelo dom do outro. Portanto, não se trata tanto de palavras ou de pensamentos, mas de doar o próprio ser. Isto exige silêncio e escuta e o risco de pôr em jogo a própria identidade, inclusive cultural, inclusive eclesial, que, todavia, não será perdida, mas enriquecida na sua abertura”.

Dialogar, portanto, para construir uma nova nação? Não será também esta uma outra bela teoria, uma das muitas que os libaneses ouviram nestes anos? Absolutamente, não!, poderiam responder os 150 cristãos e muçulmanos que no dia 13 de maio se encontraram na assim chamada “casa amarela” construída sobre aquela que era a linha de demarcação entre as zonas Ocidental e Oriental de Beirute e que foi reconstruída, para não esquecer as feridas da guerra. Os testemunhos da amizade deles, nascida durante a guerra sobre a base de uma simples acolhida feita pelos Focolares, eram comovedores e convincentes. Pequenos gestos de proximidade e atenção, visitas recíprocas, relacionamentos sem interesses, transformaram – como descreveu uma mulher muçulmana – a amizade num laço de verdadeira família.

“O diálogo é possível somente entre pessoas verdadeiras. E é só o amor que nos faz verdadeiros”, disse Jesús Morán no seu discurso. Os amigos cristãos e muçulmanos e a experiência deles são a prova disto. Pode ser que seja só uma pequena semente, que talvez crescerá lentamente, exatamente como os cedros do Líbano. Mas com certeza é uma semente com uma força irresistível, da qual pode nascer uma nação nova. ■

Joachim Schwind



Argélia: Educar é fazer do mundo um lugar melhor

Amine Mohammed Sahnouni, jovem sociólogo argelino, vê a educação como um processo: “É preciso dar às crianças mais responsabilidade, confiar nelas e orientá-las a fim de que suas capacidades de liderança se desenvolvam desde pequenos”.

“O pilar do nosso trabalho são as crianças, a quem sempre nos dedicamos com o objetivo de que cresçam fortes, porque são o futuro”. Por ocasião de uma conferência voltada ao campo da educação, promovida na Itália pelo Movimento dos Focolares, no dia 2 de março passado, Amine Mohammed Sahnouni, jovem sociólogo argelino, fala do seu compromisso educativo em favor dos jovens: para construir um mundo melhor é preciso começar por eles.

Amine, você disse que para obter resultados é importante ter uma “vision”, objetivos a longo prazo, e, se possível, compartilhá-los com outros. Qual é a sua “vision” no campo educativo?

Acredito que nós, sociólogos, somos os médicos da sociedade, e como tais deveríamos ir a campo e enfrentar fenômenos sociais de todos os tipos. Nesta perspectiva a minha meta é ‘fazer do mundo um lugar melhor’, não só para nós, mas também para as gerações futuras. Todos podemos fazê-lo, mas somente se começamos a mudar a nós mesmos, inclusive a partir das pequenas coisas.

Se queremos construir uma sociedade justa é essencial dedicar-se à formação dos jovens. Quais os conteúdos, competências e metodologias a propor?

Os meus pais me encorajam, apoiam e guiam sempre. Transmitiram-me o senso de responsabilidade desde quando eu era criança. Lembro ainda das palavras do meu pai: “Amine, faça com que tenhamos orgulho de você”. Dizia sempre para colocar Alá, Deus, em primeiro lugar, em tudo o que fazia, somente assim teria sido uma pessoa de sucesso. Então, na minha opinião, o primeiro pilar da educação é a família. Depois, há algumas competências sobre as quais é preciso trabalhar: é preciso dar

mais responsabilidade às crianças, ter confiança nelas e orientá-las, a fim de que suas capacidades de liderança se desenvolvam desde pequenos; é preciso mostrar confiança, apoiá-las e usar palavras positivas, de maneira que possam desenvolver a autoestima, os seus desejos e objetivos. Devemos encorajar nas crianças o pensamento crítico e ensiná-las a compartilhar suas opiniões na frente dos outros. Todas essas competências são adquiridas somente trabalhando em campo, inclusive por meio de programas de intercâmbio onde se encontram jovens de países diferentes, e também mudando o método de ensino tradicional, para tornar a aprendizagem fácil e divertida.

Os líderes religiosos, as instituições e Ongs exigem atenção ao ambiente, mas as suas iniciativas resultam insuficientes. No entanto fala-se da nomeação ao Nobel da Paz para a jovem sueca Greta Thunberg, promotora das caminhadas juvenis pelo clima, em toda a Europa. Significa que precisamos dos jovens para acordar os adultos?



Admiro muito a coragem e determinação dessa garota, que apesar de ser muito jovem tem plena consciência dos problemas ambientais, e isso é muito raro hoje, inclusive entre os adultos. Esta grande “combatente” está enviando uma mensagem forte ao mundo, tenho muito respeito por ela, deveríamos inspirar-nos em seu exemplo. Com efeito, eu acredito que as grandes conquistas partem de pequenas coisas.

Montar numa bicicleta e atravessar a Argélia, da fronteira com o Marrocos até a fronteira da Tunísia, pode ser um modo de solicitar o compromisso pelo ambiente. Você pode nos contar como foi?

Nós somos um grupo de amigos cheios de paixão e motivação, e com o desejo de inspirar os jovens. Desde 2012 a nossa filosofia é: se queres uma mudança duradoura começa a mudar a ti mesmo. Com o tempo os nossos objetivos cresceram e decidimos enfrentar o desafio de um projeto novo: atravessar a Argélia de leste a oeste em 15 dias. Um projeto que nasceu para sensibilizar ao cui-

dado com o ambiente, promover os valores da cidadania, educar por meio do esporte. Eu e meus dois amigos, Elhadi e Naim, fizemos um vídeo sobre o nosso projeto e numa só semana o vídeo se difundiu tão rapidamente que as pessoas começaram a entrar em contato conosco e oferecer ajuda. Também durante a viagem – em agosto de 2017 – recebemos muito apoio e os resultados foram incríveis: dois milhões de seguidores nas redes sociais e na TV; colaboramos com mais de 15 associações, espaços para crianças e clubes de ciclistas. Sentimos Alá, Deus, conosco todos os dias e pedimos a ele coragem, apoio e força para levar a missão até o fim. Foi também uma experiência espiritual, recebemos orações de todos os argelinos e o apoio das nossas famílias. Em apenas duas semanas suscitamos outras campanhas de sensibilização, e depois do projeto muitas pessoas seguiram o nosso caminho. ■

Claudia Di Lorenzi

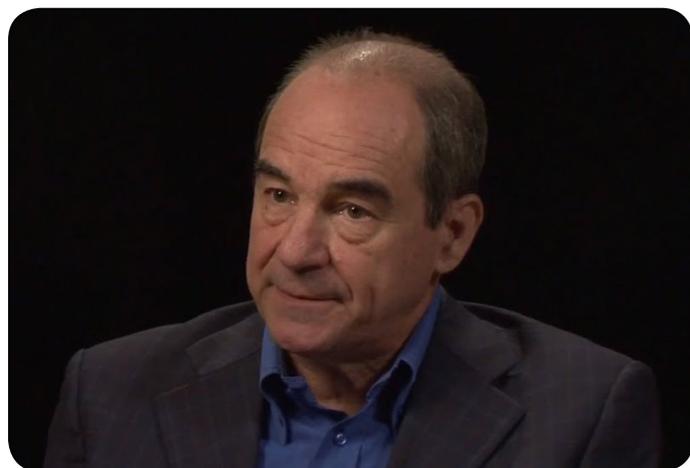
Façamos um balanço da fraternidade

Roberto Catalano do Centro para o Diálogo Inter-religioso dos Focolares nos oferece uma leitura do contexto, do percurso histórico e geopolítico que acompanhou a redação do histórico documento sobre a Fraternidade humana para a paz e a convivência em comum, co-assinado pelo Papa Francisco e pelo Imã de al-Azhar, Ahamad al-Tayyib em Abu Dhabi, no dia 4 de fevereiro passado.

A fraternidade universal ainda é um objetivo primário para a humanidade? Que valor tem nesta época dominada por bolhas digitais, confins pessoais e coletivos cada vez mais delineados, novos protecionismos econômicos e assim por diante? A declaração de Abu Dhabi assinada pelo Papa Francisco e pelo Imã de al-Azhar restitui a fraternidade ao centro do tabuleiro geopolítico e também mediático: o tom claro e concreto do documento-declaração repropõe a fraternidade como objetivo para a família humana inteira e não só para as duas religiões cristã e muçulmana. Roberto Catalano nos explica contexto e percursos desta que é uma etapa de fundação do diálogo para a paz mundial.

Qual é o valor da declaração assinada pelo Papa Francisco e pelo Imã al-Tayyib em Abu Dhabi no dia 4 de fevereiro passado?

O documento sobre a fraternidade representa um



marco e propõe um texto que permanecerá paradigma de referência. Impossível não reconhecer o seu valor profundamente inovador. Mais uma vez nos encontramos diante de uma ‘première absoluta’ do Papa Bergoglio. Nunca antes na história da Igreja aconteceu que um papa assinasse um documento em comum com um líder de outra religião. A assinatura aconteceu num contexto preciso, caracterizado por abraços, discursos, caminhadas de mãos dadas dos líderes da Igreja Católica e de al-Azhar. O texto compartilhado interpela não só profissionais da área e líderes religiosos, mas todos os fiéis e os habitantes do mundo.

Os Emirados Árabes são um pouco uma fachada des-

te mundo globalizado: a península arábica é o coração do Islã, mas conta também com uma crescente presença de trabalhadores provenientes de outros países e culturas...

Abu Dhabi, capital dos Emirados Árabes Unidos e lugar da assinatura do documento é a última extremidade da península arábica. Todos estes estados têm um significado importante seja no tabuleiro da economia seja no da geopolítica. Em poucas décadas, a posse do petróleo permitiu um progresso vertiginoso inclusive graças a uma mão-de-obra proveniente de países como as Filipinas, a Índia, o Paquistão, o Bangladesh.

A península arábica é o coração do Islã, mas apresenta um verdadeiro mosaico muçulmano. Dominante é a presença do Reino Saudita, imagem do Islã sunita que se identifica com o wahabismo, que, também em nível internacional, apoia o salafismo.

À frente de tudo isto, está um fenômeno novo de comunidade cristã. De fato, enquanto as Igrejas cristãs tradicionais e apostólicas do Oriente Médio vivem momentos dramáticos que frequentemente obrigam os cristãos a fugir, a região dos Emirados está se povoando de uma nova cristandade, uma verdadeira fachada da cristandade de hoje. A maioria dos católicos são filipinos e indianos, mas também do Oriente Médio. Estamos no período da globalização e a Igreja nos Emirados é uma das suas expressões mais características.

Também na recente viagem do Papa Francisco ao Marrocos foram recordados os 800 anos do encontro entre Francisco de Assis e o Sultão Malik al-Kamil. Este papa parece ter empreendido uma espécie de “peregrinação de paz”...

É bem assim. Também Abu Dhabi se insere neste aniversário, como sinal do desejo de ser «irmão que busca a paz com os irmãos» para «ser instrumentos de paz». A Declaração Conciliar *Nostra Aetate* afirma que no «decorrer dos séculos, surgiram não poucas dissensões e inimizades entre cristãos e muçulmanos» e, portanto, o Concílio dispôs exortar «a todos a que, esquecidos os acontecimentos passados, sinceramente ponham em prática a mútua compreensão. Em benefício de todos os homens e em ação conjunta, defendam e promovam a justiça social, os valores morais, bem como a paz e liberdade».

Em Ratisbona, em 2006, uma citação de Bento XVI causou um doloroso e complexo litígio com o mun-



do muçulmano. Muitos consideraram a frase citada por Ratzinger como uma ofensa em relação ao Corão, mesmo se se referia à relação entre fé e razão e entre religião e violência. Abriu-se uma estação um tanto quanto tempestuosa, dentro da qual a universidade de al-Azhar interrompeu os contatos com o Vaticano.

Nos anos que se seguiram, com grande paciência diplomática, se reataram as relações, inspirando-se na *Evangelii Gaudium*, que, após ter definido o diálogo inter-religioso como um «dever para os cristãos, como para as outras comunidades religiosas» (EG 250), afirmara a relevância do relacionamento entre cristãos e muçulmanos.

Finalmente, em maio de 2016, o Imã al-Tayyib está no Vaticano. Significativo o seu comentário de improvisado: «Retomamos o caminho de diálogo e fazemos votos de que seja melhor de quanto era antes». A resposta ao gesto de acolhida de Francisco não se fez esperar.

Em 2017, o imã acolheu o Papa Francisco no Cairo, convidando-o a uma Conferência Internacional para a Paz. Naquela ocasião, o Papa, após ter afirmado com força «só a paz é santa e nenhuma violência pode ser perpetrada em nome de Deus, porque profanaria o seu Nome», sugeriu três orientações que, «podem ajudar o diálogo: o dever da identidade, a coragem da alteridade e a sinceridade das intenções». Progressivamente nasceu um profundo entendimento espiritual entre os dois líderes religiosos. ■

Elaborado por Stefania Tanesini



Rumo ao centenário de Chiara

No dia 16 de abril de 2019, uma delegação trentina visitou o Centro Internacional do Movimento dos Focolares tendo em vista as celebrações dos 100 anos do nascimento da fundadora

“Não estamos aqui para celebrar Chiara Lubich, para transformá-la em um monumento ou para colocar seu nome na história; isso não é necessário. Estamos aqui para reviver a mensagem, para acolher a herança e para nos confrontar hoje com o seu carisma.”

Alessandro Andreatta, prefeito de Trento, usou essas palavras para explicar a motivação da visita de uma delegação trentina que, no dia 16 de abril, foi a Rocca di Papa (Roma) no Centro Internacional do Movimento dos Focolares, devido às próximas celebrações do centenário do nascimento de Chiara, previstas para 2020.

Também estavam presentes o presidente da província autônoma de Trento, Maurizio Fugatti, o presidente da comunidade de Primiero, Roberto Pradel, o diretor da Fundação Museu Histórico de Trento, Giuseppe Ferrandi, e Maurizio Gentilini (arquivista e historiador do Conselho Nacional de Pesquisa), autor de uma biografia de Lubich que deverá ser lançada em 2020.

Para recebê-los estavam presentes a presidente, Maria Voce, o copresidente, Jesús Morán, e representantes dos 60 membros do Conselho Geral do Movimento dos Focolares. Também participaram alguns prefeitos das cidades dos Castelos Romanos, onde Chiara viveu e trabalhou por mais de 50 anos.

O objetivo da visita era reforçar o vínculo de amizade e colaboração entre Trento e a comunidade trentina e o Movimento dos Focolares, que promoverão juntos numerosas iniciativas no ano do centenário na cidade e no vale de Primiero, além de muitas outras cidades no mundo.

As celebrações começarão no dia 07 de dezembro de 2019, com a abertura da exposição multimídia “Chiara Lubich Cidade Mundo” promovida pelo Centro Chiara Lubich com a Fundação Museu Histórico do Trentino.

“Gostaríamos que muitas pessoas conhecessem Chiara, seu pensamento”, explicou Alba Sgariglia, responsável pelo Centro, “assim como sua espiritualidade, sua obra, sua figura de promotora incansável de uma cultura de unidade e de fraternidade entre os povos”.

Giuseppe Ferrandi falou sobre o desafio cultural e a complexidade enfrentada no percurso de realização da mostra: “Trata-se de pegar o extraordinário patrimônio de vida e de pensamento de Chiara Lubich e transformá-lo em um formato comunicativo com o estilo essencial e imersivo que nossos espaços de exposição permitem. Como diz o título da exposição, a categoria ‘cidade’ é central no pensamento de Lubich; para ela, a cidade é um polo dialético que pode se relacionar com o mundo. Portanto, nos oferece a possibilidade de não nos fecharmos no local, mas de abrir-nos”.

A exposição terá também um destaque no vale de Primiero que, a partir dos anos 40, hospedou primeiramente Lubich com um pequeno grupo, e depois milhares de pessoas do mundo inteiro que iam fazer a experiência de um estilo de vida centrado na fraternidade.

Depois, a exposição será reproduzida em nove capitais fora da Europa e será muito diferente, de acordo com a cultura local, em uma visão que se alarga ao mundo. Durante o ano, além o fluxo de visitantes de todo o mundo em Trento, estão no programa também uma série de encontros nacionais e internacionais que acontecerão tanto em Trento quanto nos vários centros do Movimento dos Focolares espalhados pelos cinco continentes.

O presidente da província autônoma de Trento foi porta-voz do orgulho de “estar aqui hoje para representar essa unidade de objetivos. O Trentino é uma terra central, de fronteiras: Chiara Lubich soube assumir as características desse território e exportá-las. Quando, em junho de 2001, Lubich falava em Trento de fraternidade no horizonte da cidade, respeitava todos que compunham a comunidade e sabia escut-los. Deste modo, é possível interpretar da melhor forma os interesses e as necessidades das pessoas”.

Na conclusão da manhã, também Maria Voce destacou o valor da ação de Chiara Lubich pela cidade: “Ela estava no vale de Primiero quando Deus lhe fez entender que deveria voltar a Trento e nas cidades do mundo que encontrou ao longo de sua vida, muitas das quais conferiram-lhe a cidadania honorária, viu em todos os lugares aquele fascínio que vinha da descoberta das dores e dos problemas, assumindo-os e levando uma semente de vida e de amor”. ■

Stefania Tanesini

Testemunhos de vida

Em cada situação, mesmo nas mais complexas e trágicas, existe algo que devemos e podemos fazer para contribuir para o “bem comum”.

No pátio do prédio

No pátio do condomínio onde moramos, muitos jovens do bairro se encontram para jogar. Entre eles, há Robert, um menino problemático que passa o tempo vagando pelas ruas e frequentemente briga com os outros. Soubemos que seus pais não têm tempo para ele e que o menino frequenta um psiquiatra. Um dia, quando houve uma briga, minha esposa e eu descemos ao pátio e convidamos Robert para subir até nossa casa, onde ficou até de noite brincando com nossos dois filhos, que são mais novos que ele. Nos dias seguintes, sempre que a situação ficava ruim, os meninos o levavam até nossa casa. Depois, ficamos sabendo que Robert contou ao psiquiatra como passava as tardes. Desde que começou a frequentar nossa casa,

Lixo

Cada vez que eu encontrava a nossa vizinha de casa acabávamos brigando, porque muitas vezes ela deixava o lixo da sua casa na frente da porta da nossa casa. Isso aconteceu por vários anos, até que o testemunho de alguns amigos cristãos convenceu-me de que eu deveria tomar a iniciativa no amor. Um dia, a mesma cena repetiu-se e imediatamente pensei que aquela era a minha ocasião. Saí com a vassoura e recolhi todo o lixo. Como sempre, ela estava ali, esperando a minha reação. Desta vez, olhei para ela, com um sorriso e perguntei-lhe como estava. Surpresa, respondeu-me também gentilmente. Desde então, cada vez que ela limpa a calçada da sua casa faz o mesmo na minha e ficamos amigas.

R.C.- Colômbia



seu comportamento melhorou de tal modo que pode suspender o uso dos remédios.

D. H. – EUA

O ovo de páscoa

Ao me despedir de um amigo doente que fui visitar, sua mulher me entregou um ovo de páscoa para meu filho Cesare. Voltando para casa, o encontrei brincando com um sobrinho que frequentemente vem à nossa casa porque sua família está passando por um momento difícil. Dou uma piscada para o meu filho e entrego o ovo para o primo que fica muito feliz. Cesare entra no jogo e depois, quando ficamos a sós, lhe expliquei que dar um presente nos faz sentir mais próximos de Jesus. De tarde, vem a avó com um ovo de páscoa ainda maior. Feliz, Cesare me diz: “Papai, por que não contamos esse segredo a todos?”.

Z. C. – Itália

Elaborado por Chiara Favotti

Sri Lanka: é a hora de construir pontes

Enquanto o mundo ainda está atônito e o povo do Sri Lanka se une para chorar as vítimas do terrível atentado da Páscoa, nos chega a mensagem de Suchith Abeyewickreme, jovem ativista pela paz e cofundador de uma rede inter-religiosa de jovens.

O que podemos fazer pelo povo do Sri Lanka, após o horror que viveu em seguida aos atentados terroristas da Páscoa? Vendo as imagens de tanto horror, quantas vezes experimentamos aquela sensação de impotência diante da violência em ação ou a impossibilidade de aliviar a

dor de quem chora os próprios mortos. E, no entanto, uma estrada existe: “Deus nos desafia a acreditar no Seu amor e a ir em frente com coragem pelo caminho da paz e da unidade”, como escreveu a presidente dos Focolares, Maria Voce, a Suchith Abeyewickreme, jovem líder de uma rede inter-religiosa cingalesa. No dia 25 de abril, ele escreveu uma mensagem a todos os membros dos Focolares no mundo, que publicamos integralmente em seguida. ■

Prezados amigos do Focolare,

Eu lhes falo do Sri Lanka, onde choramos as perdas por causa dos recentes ataques do domingo de Páscoa na nossa bonita ilha. Estamos chocados, tristes e abalados por estes eventos sem precedentes.

A nossa prioridade é a assistência às vítimas e às suas famílias. Apoiamos os esforços uns dos outros nas várias comunidades. Após os ataques, muitos de nós saíram para doar sangue, ajudar as vítimas e doar socorros e provisões médicas. Agora estamos prestes a dar juntos a saudação final àqueles que perdemos.

Nesta ocasião, estamos conscientes de que estes atos de terrorismo almejam causar destruição e medo, suspeita e divisão nas nossas comunidades. Ficando lado a lado, nós, cingaleses cristãos, budistas, hindus, muçulmanos e de outras tradições religiosas e culturais, dizemos a quem nos impõe o terror, que não permitiremos que alcancem os seus objetivos.

Compreendemos que em tais ataques, aquilo que segue as destruições físicas e a morte é o medo, a suspeita, o ódio e a divisão. Houve reações de ódio, mas temos que dizer que a maioria dos cingaleses mostrou empatia e atenção uns pelos outros. Estamos trabalhando duramente para garantir que estes gestos por obra de poucos extremistas não acabem por ser utilizados para discriminar e alienar pessoas inocentes ou comunidades inteiras.

Estes eventos se verificaram quando no Sri Lanka estávamos para comemorar os 10 anos do final do conflito armado que durou 26 anos. Como sociedade, temos muitas feridas passadas a serem sanadas, mas agora estamos feridos de novo. Mas o povo do Sri Lanka é forte e resistente.

Trabalharemos juntos para curarmos nós mesmos e a nossa sociedade.

É neste momento difícil que devemos praticar as virtudes da compaixão, do amor, da empatia, da responsabilidade e da paz, guiados pelos nossos ensinamentos espirituais. Devemos nos elevar acima da divisão para reconhecer a nossa conexão e humanidade compartilhada.

O apelo que lhes fazemos não é para que façam doações. Com o nosso apelo pedimos o tempo de vocês e o empenho de vocês para reforçar o trabalho nas suas comunidades, que construam pontes para além das divisões, para intensificar as vozes moderadas e apoiar a não violência. No mundo inteiro existe muita polarização, discriminações, ódio e violência que proporcionam um terreno ideal para o extremismo violento. Devemos trabalhar juntos para sermos os líderes sensíveis, empáticos e responsáveis deste mundo, para curar as suas feridas.

“A escuridão não expulsa a escuridão: só a Luz pode fazê-lo. O ódio não expulsa o ódio: só o Amor pode fazê-lo”.

Obrigado pela solidariedade de vocês para conosco aqui no Sri Lanka, neste momento tão difícil. Desejo-lhes saúde, felicidade e paz.

Obrigado,

*Suchith Abeyewickreme**

**Ativista pela paz, Cofundador Interfaith Colombo and Interfaith Youth Network Global Council Trustee, United Religions Initiative*

Semana Mundo Unido: se vota com a carteira

“Into The Label” (dentro da etiqueta) é uma das ações propostas pela Semana Mundo Unido; oferece a todos a possibilidade de fazer a diferença no próprio ambiente e escolher qualidade, produção ética e responsabilidade social.

Marquem a data: 11 de maio próximo, a poucos dias da conclusão da Semana Mundo Unido (1º a 7 de maio de 2019), será o dia de “Into The Label”, literalmente: dentro da etiqueta, isto é, aquele em que poderemos exercer o “voto com a carteira”. Trata-se de uma das ações principais, promovida pelos Jovens por um Mundo Unido dos Focolares para esta edição de 2019, um exercício de “democracia econômica”, como o definiu o seu iniciador, o economista italiano Leonardo Becchetti. Vejamos do que se trata e como podemos participar.

“O voto com a carteira exprime a soberania do consumidor – explica Becchetti – o qual decide usar o seu poder de comprar e de economizar para premiar ou, ao contrário, punir empresas e/ou países responsáveis ou irresponsáveis do ponto de vista social e ambiental.

Muitos dos problemas que temos, como diz inclusive o Papa Francisco, são reconduzíveis a um sistema econômico errado, não mais em condições de resolver os problemas das pessoas e ligados ao meio ambiente. A solução é criar um novo modelo econômico sustentável, inclusivo e participativo”, continua o economista, “mas o único modo de fazê-lo é construí-lo a partir da base, juntos. Eis o que é o voto com a carteira: tornar-se consumidores responsáveis, conscientes do nosso papel e do poder de premiar com as nossas compras as empresas que lucram respeitando os trabalhadores, os clientes e o meio ambiente. É o poder de valorizar e escolher as empresas líderes na sustentabilidade social, ambiental e fiscal».

Portanto, a proposta dos jovens dos Focolares impele na direção de fazer escolhas de compra mais éticas e em apoio a empresas economicamente e socialmente responsáveis. Mas como acontece este voto?

As “locações” são os supermercados, onde é proposto aos clientes que participem de um laboratório com a duração de umas 2 horas. São preparados cartazes, urnas e autênticas cédulas eleitorais. O experimento apresenta os candidatos que são uma amostra de produtos subdivididos em 5 categorias: massa, café, chocolate, atum em conserva, suco de laranja. Cada produto é do-

dotado de uma ficha informativa que apresenta características e critérios de avaliação como proteção do meio ambiente, respeito aos trabalhadores, rastreabilidade das matérias primas, etc. O laboratório é pensado como um dia eleitoral e o voto acontece através da aquisição (ou não) dos produtos, com base nos seus diferentes programas, isto é, nas informações recolhidas. Tudo isso com entrevistas, pesquisas de boca de urna, projeções e contagem de votos.

São três os objetivos dos laboratórios “Into the Label”: preencher a lacuna entre consumidor e escolhas empresariais escondidas por detrás do produto, gerando um processo de conscientização; favorecer a participação coletiva através da expressão do voto para o produto. Enfim, gerar mudança: as escolhas dos consumidores, quando se orientam na direção do bem, têm a capacidade de influenciar inclusive as empresas, que podem se mover na direção dos comportamentos premiados.

Neste site e naquele do United World Project acompanharemos os desenvolvimentos da campanha “Into the Label”. Além disso, as informações sobre os produtos “candidatos” estão disponíveis no site da iniciativa. ■

Stefania Tanesini



Venezuela: não fazer a esperança morrer

Os contínuos e longos blackouts em todo o país paralisam os serviços básicos e as atividades comerciais tornando difícil a vida da população. Um drama humanitário que cria inclusive profundas fraturas sociais. Rosa e Óscar Contreras, família da comunidade dos Focolares, contam como é possível não se deixar arrastar pelo desespero e continuar, com fé e coragem, a ser tecedores de fraternidade.

“A situação continua a piorar – conta Rosa –. Algumas semanas atrás, após 105 horas sem energia elétrica, a nossa cidade estava destruída, sobretudo no âmbito comercial e financeiro. O que torna tudo mais complicado é a ausência ou a presença não constante de serviços públicos como a distribuição de água, a coleta do lixo, a telefonia e internet. E, depois, o fato de que os blackouts nacionais continuem...”

“De qualquer forma, sentimos que, também neste momento, a vida deve continuar – explica Óscar –. Conseguimos reabrir a nossa empresa, que produz artigos em madeira e em acrílico, e retomar algumas atividades. É sempre um desafio permanecer de pé e operativos apesar da redução das vendas. Enorme é o esforço para poder respeitar os compromissos em relação aos fornecedores e aos dependentes, sem que isto represente um risco de falência. Com criatividade e disponibilidade a mudar constantemente de estratégia, reagimos à hiperinflação e às complexas políticas fiscais. Para isto, procedemos com uma mudança total nas estruturas salariais dos dependentes, encontrando novos modos para melhorar a renda deles, encorajar uma maior motivação ao trabalho e obter resultados melhores. E neste meio tempo, também os imprevistos não faltam. Até algum tempo atrás, estávamos em condições de viajar para ir visitar as pessoas e estar perto delas, mas, neste momento, o nosso carro foi danificado e consertá-lo é caro, os tempos longos dependem também da falta de eletricidade. Entretanto as nossas economias estão acabando, mesmo se a Providência de Deus não nos abandona e recentemente conseguimos comprar algumas coisas necessárias para nos mantermos neste período”.

“E percebemos uma quantidade inimaginável de oportunidades para viver radicalmente o Evangelho – continua Rosa –. Diariamente nos vizinhos e nos parentes encontramos muito desespero e mil necessidades que obrigam a ficar atentos, cada momento, a

compartilhar aquele pouco que temos. Cada vez nos perguntamos o que Maria, José e Jesus fariam no nosso lugar. Vimos com alegria que um bom grupo de vizinhos, ao invés de ficarem fechados na própria casa, começou a fazer amizade, fruto, nos parece, de muitas iniciativas que realizamos em silêncio para ajudar e gerar estas relações”.



“A realidade, porém, é que estamos exaustos fisicamente, mentalmente e emocionalmente – confia Óscar – mas, embora estando assim, temos a certeza de que o Espírito Santo nos ajude e, através de nós, seja Ele a poder dar aos outros a alegria e a esperança que procuramos transmitir. Uma semana atrás, mesmo se estávamos sem energia elétrica, pensamos em nos encontrar com um grupo de jovens e adolescentes do Movimento para compartilhar experiências, reflexões e assistir a um filme juntos. Todos contaram que estes dias difíceis são, todavia, favoráveis para gerar muita comunhão nas famílias deles: graças à ausência de telefones celulares, tv, escola, trabalho e outros compromissos, nascem diálogos profundos nas famílias e se abordam questões das quais nunca se fala. Muitos puderam rezar juntos e compartilhar com os vizinhos aquilo que tinham. Interessante é constatar que existe em todos uma atenção diferente quando se adquire algo, porque se faz isso não só em função da própria família, mas avaliando quanto possa ser útil também a outros”. ■

Elaborado por Anna Lisa Innocenti

A Europa e a sua vocação: entrevista com Mara Voce

Não se passou ainda um século do término do último conflito mundial e parece que a Europa tenha perdido hoje, de alguma maneira, a confiança originária. Teatro de dois conflitos mundiais com milhões de mortos, muitas cidades e comunidades destruídas, o velho continente se dirigia, nos anos 1950, a um esperado renascimento. Os pais fundadores da atual Comunidade Europeia haviam olhado para além dos interesses particulares de cada país, e pensado grande: uma comunidade de povos que pudesse projetar um futuro de paz e um renascimento econômico.

Falou-se sobre a Europa com Maria Voce, presidente do Movimento dos Focolares, durante uma entrevista, articulada em nove perguntas, feita por ocasião da Mariápolis Europeia que acontecerá nos próximos meses de julho e agosto em Tonadico, na região do Trentino, na Itália.

Num diálogo aberto e franco, a entrevista desenvolve-se enfrentando temáticas relacionadas à política, aos jovens, ao testemunho dos cristãos de hoje, à Europa que queremos e sobre qual significado pode ter a Mariápolis europeia.

A diversidade entre as várias comunidades dos povos é um valor, afirma Maria Voce, e não pode ceder ao desejo de soberanias e nacionalismos: na Mariápolis a diversidade torna-se precisamente motivo de enriquecimento para todos, um momento no qual cada um pode manifestar a própria riqueza e a sua cultura. “E se cada pessoa se dispõe a fazer isso – continua Maria Voce – ninguém mais sentirá a necessidade de reivindicar a própria identidade, porque esta será reconhecida, valorizada e enriquecida na unidade”. E isso é o que a Mariápolis europeia pode significar e pode dar aos participantes, realizar juntos uma frase

que Chiara Lubich disse ainda em 2004: “A mais alta dignidade para a humanidade seria a de não sentir-se um aglomerado de povos, muitas vezes em luta entre si, mas, pelo amor mútuo, um único povo enriquecido pela diversidade de cada um, e por isso guardião, na unidade, das diferentes identidades”.

Outro ponto abordado é a presença dos jovens na sociedade de hoje e a sua escassa participação na vida política. Maria Voce não tem dúvidas à respeito, e dá valor ao testemunho de muitos jovens que neste momento tem uma influência, por exemplo, no campo da ecologia: as novas gerações comprometem-se “em projetos que olham ao bem da humanidade, não à urgência do dia que passa, e em projetos que exigem uma concretude de vida, mostram uma autenticidade de vida”, afirma a presidente dos Focolares. Igualmente o papel dos cristãos é muito árduo, mas eles podem transmitir o valor da solidariedade, da fraternidade, do amor aos últimos, aos mais pobres, vivendo em primeira pessoa uma vida coerente à luz do Evangelho.

Entre as perguntas não podiam faltar aquelas sobre o seu encontro com o carisma da unidade, ocorrido em Roma, durante os anos de universidade e, consequentemente, a sua primeira experiência de Mariápolis que, como descobrimos, se deu justamente em 1959, nos vales das Dolomitas, onde conheceu Chiara Lubich. Maria Voce é testemunha da multidão de pessoas que todo ano invadia aqueles lugares encantadores, pessoas muito variadas, atraídas por uma experiência pessoal de amor recíproco, pela fraternidade, para realizar assim a oração de Jesus “que todos sejam um”.

A última pergunta não pôde deixar de suscitar nela uma desejo e uma esperança: “as minhas esperanças para a Europa são que ela possa descobrir a sua beleza e a sua vocação: povos unidos que se reconhecem uns nos outros, e que reconhecem uns nos outros princípio comuns, valores em comum. A história de um povo é também a minha história, a história de cada povo da Europa é também a minha história, faz parte da minha história, vive na minha história”. ■

Patrizia Mazzola





Itália: os jovens dos Focolares recebem uma delegação budista da Rissho Kosei-kai

Em mais um encontro de diálogo entre os jovens do Movimento budista Rissho Kosei-kai (RKK) e os jovens dos Focolares, foram aprofundados o conhecimento, a amizade e o empenho comum pela paz no mundo.

“Em todos estes anos, em qualquer lugar nos encontrássemos, imediatamente desapareciam os muros da nossa diversidade, e logo estávamos unidos pelo mesmo desejo de trabalhar pela paz no mundo. Mas é lógico que seja assim, porque, quando o nosso fundador (Nikkyo Niwano) e Chiara Lubich se conheceram, logo se uniram, e para ambos foi uma descoberta encontrar alguém disposto seriamente a trabalhar pela paz no mundo”. Assim iniciou Yoshie Nishi, vice-diretor do Setor dos Jovens da Rissho Kosei-kai, ao traçar a história dos simpósios entre os jovens dos dois Movimentos, iniciada em 2008.

A edição deste ano, realizada no Centro Internacional do Movimento dos Focolares, na Itália, teve como tema “The World Peace Starts from Us. Now the time to step forward to everything” (A paz mundial começa por nós. Este é o momento de dar um passo adiante). “Em muitos lugares o mundo está dividido – explicaram os jovens da RKK -. Refugiados, pobreza, problemas econômicos, etc. Não numa dimensão nacional, mas inclusive no pequeno mundo em que vivemos; de um lado, com a internet, em poucos segundos pode-se criar uma estreita relação com o mundo inteiro, mas, de outro lado, coexiste a pobreza das relações, e até uma conversa com quem mora perto de nós nunca existiu”. Foram partilhadas muitas experiências de paz que partem da vida diária: mudanças do estilo pessoal de vida e ações que envolvem outras pessoas e transformam a realidade em algo positivo. “Gostaríamos de caminhar sempre olhando ao outro, aos desafios que vemos no mundo – disseram Rita e Henrique,

dos Focolares, aos amigos japoneses – contribuindo para alcançar um mundo mais unido, fraterno, onde haja mais paz; uma paz, no entanto, que não exclui os marginalizados, mas que nos faz assumir como nossas as necessidades das pessoas, para um dia chegar ao nosso objetivo: ‘ninguém em necessidade’, como diz o slogan escolhido este ano para a Semana Mundo Unido, e o projeto ‘Caminhos para um Mundo Unido’”.

No programa do simpósio houve inclusive uma ação concreta: a preparação e distribuição de uma refeição na Estação Ostiense de Roma, em colaboração com a Associação RomAmor ONLUS, que ajuda moradores de rua, idosos e migrantes. A delegação japonesa participou também da audiência com o Papa Francisco e viveu um dia de intercâmbio e aprofundamento na Mariápolis internacional de Loppiano, com os jovens das escolas de formação e com os alunos do Instituto Universitário Sophia. ■

Paola Pepe





L'Economia de Francisco

De 26 a 28 de março de 2020, o Papa Francisco convida para Assis (Itália) jovens economistas de todo o mundo para dar vida a um pacto que muda a economia atual e dá uma alma à do futuro.

“Eu lhes escrevo para lhes convidar para uma iniciativa que desejei muito: um evento que me permita encontrar com quem hoje está se formando e está começando a estudar e praticar uma economia diferente, aquela que faz viver e não mata, inclui e não exclui, humaniza e não desumaniza, cuida da criação e não a depreda. Um evento que nos ajude a estarmos juntos e nos conhecermos, e nos conduza a fazer um “pacto” para mudar a economia atual e dar uma alma à economia de amanhã”.

São estas as primeiras linhas da mensagem que no sábado passado, 11 de maio, o Papa Francisco endereçou a jovens economistas, empresários e change-makers compromissados em pensar e praticar uma economia diferente. Francisco os convida a participar e construir juntos o evento internacional “The economy of Francisco”, que se realizará em Assis (Itália) de 26 a 28 de março de 2020.

Quer encaminhar, com eles, um processo de mudança global a fim de que a economia de hoje e de amanhã seja mais justa, inclusiva e sustentável, sem deixar ninguém para trás. O evento é promovido por um Comitê composto pela Diocese de Assis, pela Prefeitura de Assis, pelo Instituto Seráfico de Assis e por Economia de Comunhão.

O Papa os espera a todos, sem distinções de credo ou de nacionalidade, para tratar, com eles, dos problemas mais complexos do mundo atual, da salvaguarda do meio ambiente à justiça para com os pobres; questões que precisam do corajoso compromisso de repensar os paradigmas econômicos do nosso tempo.

O Prof. Luigino Bruni, diretor Científico do Comitê, declara que «O convite do Papa Francisco aos jovens

economistas é um evento que marca uma etapa histórica, porque se unem dois grandes temas e paixões do Papa: a sua prioridade pelos jovens e a sua solicitude por uma outra economia. Estamos convidando, em seu nome, alguns dos economistas e empresários mais sensíveis ao espírito da Oikonomia de Francisco (Francisco de Assis e Papa Francisco), para poder dar aos jovens o melhor das reflexões e práxis econômicas de hoje no mundo. A palavra Oikonomia evoca ao mesmo tempo muitas realidades: a raiz grega recorda as regras da casa, mas reporta também ao cuidado da casa comum, à OIKOS. E nos referimos também à Oikonomia entendida pelos Padres da Igreja como categoria teológica de salvação universal. Assis é parte essencial, porque é uma cidade-mensagem de uma economia diferente. Os diversos lugares da cidade de Assis, acolherão o programa do evento construído em torno dos três pilares da Oikonomia de Francisco: os jovens, o meio ambiente, os pobres».

Muitos os temas que encontrarão espaço na jornada de dois dias de Assis: direitos das gerações futuras, acolhimento da vida, equidade social, dignidade dos trabalhadores e salvaguarda do Planeta. De 26 a 28 de março de 2020, The Economy of Francisco se articulará em oficinas, manifestações artísticas, seminários e plenárias com os mais famosos economistas e especialistas do desenvolvimento sustentável e das disciplinas humanísticas, que refletirão e trabalharão junto com os jovens.

As candidaturas para participar da iniciativa se abrirão em junho de 2019. A íntegra da carta do Papa Francisco e todas as informações estão disponíveis no site www.francescoeconomy.org ■

Stefania Tanesini

Ajudar todo mundo a se expressar livremente

Em vista da próxima Assembleia Geral do Movimento dos Focolares em 2020, foi constituída uma comissão de preparação. A indicação da presidente Maria Voce e do Copresidente Jesús Morán é: garantir a máxima liberdade de expressão a todos!

As indicações da presidente Maria Voce à comissão que está preparando a próxima Assembleia Geral do Movimento dos Focolares foram breves e claras: “Espero que esta comissão ajude todos do Movimento a se expressarem livremente em vista da próxima Assembleia Geral e que seja capaz de sintetizar o material que chegar de tal modo que ninguém se sinta excluído. E que não siga com nenhum interesse pré-construído”.

No fim de semana dos dias 24 a 26 de maio, essa comissão que está preparando tanto a parte da organização quanto a de conteúdo da próxima Assembleia Geral do Movimento dos Focolares, prevista para setembro de 2020, se encontrou pela primeira vez em Castelgandolfo. É composta por 18 pessoas que representam o Movimento dos Focolares na sua configuração geográfica e na diversidade dos setores e expressões. Os membros vêm dos cinco continentes e fazem parte do Movimento de diversas formas e vocações.

“A Assembleia de 2020 será de particular importância”, destacou o copresidente Jesús Morán em um encontro entre a comissão e o Conselho Geral do Movimento no domingo, 26 de maio. Depois de dois mandatos de seis anos cada, a atual presidente Maria Voce não poderá mais ser reeleita. Uma mu-

dança que, segundo Jesús Morán, comportará uma passagem ulterior importante para todo o Movimento. “Com certeza, serão levantados alguns temas cruciais a serem aprofundados”, afirmou. “Queremos ter certeza de que isso possa acontecer na mais plena liberdade.”

Justamente para garantir essa liberdade, Maria Voce não quis dar indicações com relação ao conteúdo que a Assembleia de 2020 deverá tratar. Quando perguntada se, com base em sua sensibilidade para o conjunto do Movimento, já havia algum tema para sugerir, respondeu: “Não tenho e não quero ter, porque não quero condicionar as exigências do Movimento no momento atual”.

Os campos nos quais a comissão preparatória deverá trabalhar nos próximos meses são diversos: iniciar um processo para recolher no mundo todo os temas mais importantes que o Movimento deverá enfrentar nos próximos anos e sobre os quais a Assembleia deveria tratar. Identificar pessoas adequadas e dispostas a se candidatar para presidente, copresidente e conselheiros. Preparar e propor um programa equilibrado que permita que a Assembleia trabalhe com seriedade e responsabilidade. Conseguir exprimir o máximo possível todas as realidades do Movimento dos Focolares nas mais diversas expressões culturais. ■

Joachim Schwind





Jean Vanier: os pobres, riqueza da Igreja

Deixou-nos o fundador da comunidade A Arca e apóstolo dos últimos. Ele estava na Praça de São Pedro durante o histórico encontro de Pentecostes 1998, junto com Chiara Lubich e outros fundadores de movimentos e novas comunidades. A lembrança e a gratidão dos Focolares.

O dia 30 de maio de 1998 ficará na memória de muitos como “o encontro de Pentecostes”. Foi então que o Papa João Paulo II convocou para a Praça de São Pedro, pela primeira vez na história, todos os movimentos eclesiais e as novas comunidades.

Entre os fundadores que tomaram a palavra diante do Papa, com Chiara Lubich, Kiko Arguello e pe. Luigi Giussani, estava também Jean Vanier, fundador da comunidade A Arca, que nos deixou na noite do dia sete de maio, aos 90 anos.

Queremos recordá-lo, além de que pela sua grande obra em favor dos carentes e dos portadores de deficiências – desde 1964 havia fundado mais de 150 centros, em todo o mundo -, pela amizade entre o fundador da comunidade A Arca e os Focolares, e por ter sempre apoiado, com sua presença constante, os encontros de “Juntos pela Europa”.

Com as palavras que pronunciou na Praça de São Pedro ficou clara a paixão comum pela palavra evangélica da unidade: “Acolhendo pessoas com deficiências provenientes de diferentes confissões cristãs, acolhendo inclusive muçulmanos, judeus ou hindus, descobrimos o quanto o pobre pode unir-nos. Homens e mulheres pertencentes a diferentes igrejas e a diferentes religiões nos fazem descobrir o mistério da nossa comum humanidade. (...) Descobrimos que, se acolhemos um pobre ele nos conduz para o Deus do amor, nos conduz a Jesus”.

Em dezembro de 2013, em Montmartre, na França, Jean Vanier se pronunciou durante um encontro dos amigos de “Juntos pela Europa”, cujo tema era justamente a pobreza e a contribuição que comunidades e movimentos cristãos podiam dar para vencer a indigência e a marginalização na Europa.

Iniciou a contar a sua experiência com estas palavras: “Jesus diz: ‘o reino de Deus é como um banquete de matrimônio’ – mas todos estão ocupados demais – o rei que convidou manda seus servos procurarem aleijados e mancos ao longo dos vales e encruzilhadas do caminho – foi isto que procurei viver na minha vida”. Jean Vanier dedicou-se, em especial, aos deficientes mentais, aqueles que ele definiu “o povo mais oprimido”. “Eles me transformaram, vi que o Reino de Deus é deles”.

Estamos próximos à sua família espiritual, no mundo inteiro, certos de que Deus e a multidão de oprimidos a quem deu casa e amor, o acolheram no Céu. ■

Stefania Tanesini

Membros do Movimento que concluíram a sua vida terrena:

*17 de março de 2019 Peter Husi - sacerdote focolarino della Svizzera
17 de março de 2019 Anna Giublesi - focolarina casada da Itália
23 de março de 2019 Bruno Macciò - sacerdote voluntario da Itália
25 de março de 2019 Leonardo Dambra - focolarino casado da Itália
28 de março de 2019 Giuseppe Castellani - sacerdote voluntário da Itália
05 de abril de 2019 Ettore Verdile - focolarino casado da Itália
09 de abril de 2019 Manolo Romero - focolarino da Argentina
23 de abril de 2019 Chit C. Cirineo - focolarina da Filipinas
23 de abril de 2019 Gábor Ivánszky (Scelto) - focolarino da Hungria
10 de maio de 2019 Mario Bodega - sacerdote focolarino da Itália
14 de maio de 2019 Mariuccia Pastore Bressan - focolarina casada da Itália
18 de maio de 2019 Klaus Timpe - sacerdote focolarino da Alemanha
25 de maio de 2019 Mario Pennisi - focolarino da Itália
02 de junho de 2019 Rita Muccio - focolarina da Mariápolis Romana
09 de junho de 2019 Maria Gloria Huille - focolarina da Mariápolis Romana*

Testemunhos de vida: reencontrar a alegria

Jesus Ressuscitado nos convida a “sair” de nós mesmos, das nossas seguranças frágeis e das nossas fronteiras. L'esame superato

L'esame superto

A gritaria de uma discussão entre dois estudantes era ouvida até no corredor, onde eu andava de um lado para o outro nervosamente esperando a hora da prova. Tive a ideia de ir até lá e acalmá-los, mas eu parava na preocupação de ser chamado nesse meio-tempo e não estar presente. É melhor deixar que alguém o faça... Mas os gritos ficavam mais altos e eu não podia ficar indiferente ao irmão, que é tão importante para mim. Um momento depois, corri para baixo para separar e acalmar os dois. Quando voltei ao andar de cima, depois de um tempo, ouvi chamarem meu nome. Na sala, respondi todas as perguntas e passei. Uma prova superada. E consegui passar também na outra.

Antonio – Itália

Tecnologia

Meu marido se interessa por todas as novidades de informática. Já eu, diante de certos dispositivos, me sinto perdida e sou lenta para me acostumar com as novidades. Com o tempo, nasceu em mim um sentimento de inferioridade que ele acentuava, fazendo com que se evidenciasse o que eu não entendia ou mesmo me expondo ao ridículo na frente dos nossos



filhos. Acabei jogando fora o meu celular e me fechei em um grande mutismo. Foi nosso filho mais velho que fez com que o pai entendesse que havia algo de errado e, como exemplo, lembrou que eu havia ido ao médico e meu marido nem havia me perguntado como havia sido a consulta, e acrescentou: “Se a sua técnica deixa você tão distraído, por que quis ter uma família?”. Quando, um pouco depois, meu marido veio me pedir perdão, disse-lhe que devíamos ser gratos pelos filhos que temos.

E.d.F. – Eslováquia

Elaborado por Chiara Favotti

Contribuições para o noticiário Mariápolis:

Prezados leitores,

Este noticiário em formato Pdf, que pode ser impresso, reúne os artigos mais importantes publicados na seção “Mariápolis” do site internacional do Movimento dos Focolares (www.focolare.org/mariapoli). Vocês poderão baixá-lo do site ou receber por e-mail ativando a respectiva notificação.

*É um serviço **gratuito** do Departamento de Comunicação. Mas somos sempre gratos a quantos quiserem continuar a sustentar, inclusive economicamente, o nosso trabalho, contribuindo também assim para a difusão do Carisma da unidade.*

A redação

A ajuda econômica pode ser enviado por transferência bancária na conta corrente:

PAFOM – Noticiário Mariápolis
Unicredit Ag. di Grottaferrata (RM) - Piazza Marconi
IBAN: IT 94 U 02008 39143 000400380921
BIC: UNCRITM1404

O presente Noticiário Mariápolis em formato Pdf é uma seleção de notícias publicadas no site do Movimento dos Focolares - P.A.F.O.M. www.focolare.org/pt/mariapoli/

© Todos os direitos reservados